



Afiação de ferro missiológica

Estamos abertos a aprender com a discussão, o contraponto, a crítica, com quem pensa e faz diferente?

J. Nelson Jennings

Este artigo não reflete, necessariamente, a posição do Centro de Reflexão Missiológica Martureo. Representa uma parte do pensamento evangélico brasileiro e/ou mundial em relação a diferentes aspectos da Missão e publicamos aqui com o intuito de contribuir para a nossa reflexão como movimento missionário.

Introdução nossa

Um dos propósitos do Martureo – Centro de Reflexão Missiológica é estimular a produção acadêmica brasileira de temas essenciais da missiologia. Contudo, não deixamos de pesquisar, traduzir e publicar artigos de irmãos missiólogos de outras partes do globo que sejam relevantes para a igreja brasileira.

Nesse trabalho de curadoria de conteúdo, uma das publicações que acessamos e com a qual temos um acordo de cooperação é a [Global Missiology](#), que, desde 2003, lança trimestralmente um conteúdo digital gratuito (em inglês e em diversas outras línguas) com artigos de estudiosos – uma parcela deles dedicada à história das missões – e resenhas de obras.

Curiosamente, um dos textos que nos chamaram a atenção na edição em inglês da *Global Missiology* de julho de 2022 (Vol. 19 No. 3) foi o editorial de J. Nelson Jennigs intitulado “Afição de ferro missiológica” [“Missiological Iron Sharpening”], também tema da edição em questão. Isso porque percebemos que a “academia” de missiologia no País ainda tem muito o que aprender em termos do que seria uma interação construtiva, como Jennigs assim coloca em seu texto, por isso o traduzimos e o republicamos a seguir. Se queremos, de fato, aperfeiçoar nosso envolvimento na Missão de Deus, temos de estar abertos à discussão, ao contraponto, à crítica, ao que pensa e faz diferente. Não falamos de frases de efeito em redes sociais, mas de algo em nível mais profundo, sendo um exemplo prático disso o eBook [Cristãos e muçulmanos adoram o mesmo Deus?](#), publicado pelo Martureo em 2021, que traz 22 ensaios sobre o tema com sabor de debate teológico.

Confira o editorial da *Global Missiology* e perceba o nível de maturidade do debate missiológico que ocorre fora do Brasil e que devemos almejar.



Afição de ferro missiológica

A frase familiar “ferro afia ferro” é citada em todos os tipos de ambientes colaborativos (religiosos ou não), sejam trupes de artes cênicas, equipes atléticas ou partidos políticos. Aqueles familiarizados com a tradição judaico-cristã reconhecerão a frase como bíblica; alguns identificarão sua fonte como o livro de Provérbios, especificamente 27.17: “Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro”. Na verdade, vários dos provérbios individuais desse capítulo falam da profundidade de interações humanas particulares, por exemplo: “Que outros façam elogios a você, não a sua própria boca; outras pessoas, não os seus próprios lábios” (27.2); “Melhor é a repreensão feita abertamente do que o amor oculto” (27.5); “Melhor é o vizinho próximo do que o irmão distante” (27.10b). As ações e palavras das pessoas – por mais dolorosas que possam parecer – podem moldar os outros em seres humanos melhores, assim como um amolador de ferro tritura e raspa um machado de ferro e o molda em um instrumento mais eficaz.

Aqueles de nós envolvidos no movimento missionário cristão mais amplo também podem contribuir para o crescimento uns dos outros exortando, desafiando, encorajando, fazendo amizade ou colaborando construtivamente no ministério evangélico. De uma forma ou de outra, as contribuições desta edição de julho da *Global Missiology – English* (GME) exibem esse tipo de interação construtiva. Alguns artigos procuram persuadir outros a mudar; alguns educam através da história; outros apontam deficiências que precisam de correção. O afiar de ferro missiológico nesta coleção de artigos é multifacetado e repleto de reflexão em busca da alma.

Dois dos artigos desta edição, um de Matt Rhodes e um de coautoria de Pam Arlund e Warrick Farah, exploram ainda mais o tema da edição de janeiro de “Movimentos do reino” [“Kingdom Movements”]. Esse tema con-

tinuiu nas resenhas contrastantes da edição de abril do livro recente de Rhodes, *No Shortcut for Success* [*Sem Atalho para o Sucesso*]. Em nossa busca por discussões construtivas sobre o que se tornou um tópico importante e às vezes carregado, a equipe editorial da GME abordou Rhodes, bem como Arlund e Farah para contribuir com artigos que, ao mesmo tempo em que abordam a discussão dos “movimentos” e das metodologias dos movimentos a partir de pontos de vista contrastantes, procurariam envolver-se de forma respeitosa e significativa. Posso atestar pessoalmente que Matt, Pam e Warrick redigiram seus artigos com integridade, interagindo respeitosamente uns com os outros com cordialidade e, o tempo todo, visando uma discussão franca que ajudaria qualquer um que poderia estar interessado em aprender, crescer e prosperar no ministério evangélico.

De fundamental importância para a interação dos dois artigos foi a construção da familiaridade e confiança interpessoal dos autores. Foi um privilégio ver Matt, junto com Pam e Warrick, progredir de apenas saber os nomes um do outro (se tanto) como autores para se tornar conhecidos e caminhar para a amizade. A construção do capital relacional ajudou a lidar com deturpações percebidas e oferecer esclarecimentos sobre os significados e intenções de cada um. Limpar esse tipo de vegetação rasteira e espinhosa é trabalho difícil, mas essencial, no esforço de realmente conhecer e envolver parceiros de discussão.

Minha percepção é que os autores foram capazes de eliminar pelo menos a maioria das barreiras iniciais de não ter relacionamentos interpessoais, várias percepções errôneas e suspeitas inerentes. Os artigos resultantes, portanto, exibem um envolvimento genuíno em várias questões – embora em graus limitados e talvez apenas de forma hesitante. Especialmente devido aos seus diferentes pontos de partida, os autores precisariam de mais tempo juntos, incluindo ocasiões informais de construção de relaciona-

mentos, a fim de refinar seus respectivos artigos para uma interação ainda mais profunda. Será necessário maior envolvimento, inclusive com muitas outras pessoas, para aguçar as diferenças e tópicos específicos a serem explorados.

Parte desse envolvimento será como você, como leitor, entende a ênfase, o raciocínio, as conclusões e a maneira de interagir com o(s) outro(s) autor(es) dos autores. À medida que você avalia cada artigo, espero que um tipo de recurso ao qual você irá recorrer seja trabalhos missiológicos de outros autores que você achou instrutivos. Um exemplo que pode vir à mente, particularmente ao trabalhar nas discussões dos artigos sobre o “profissionalismo” missionário e a questão específica da proficiência linguística, são os comentários de Ralph Winter (e outros) sobre o “amadorismo” missionário (Datema 2010; Lambert 2015). Winter caracteristicamente articulou várias distinções úteis e sutis que são pertinentes à discussão sobre “profissionalismo” dos artigos. De maneira mais geral, assim como os autores citaram outros trabalhos em relação a seus artigos, sem dúvida você também o fará – consciente e inconscientemente – ao ler, refletir e estudar.

Do meu ponto de vista, percebo três espectros inter-relacionados ao longo dos quais os autores operaram na tentativa de se envolver em tópicos importantes relativos às discussões do movimento. Um espectro envolve autoridade ou responsabilidade para determinar o que é “verdadeiro”, “válido”, “certo” ou “bíblico”. Todos concordam que Deus e sua Palavra são a autoridade máxima – mas quem deveria decidir a verdade, validade, retidão ou caráter bíblico de casos específicos de práticas, crenças, métodos, estruturas ou qualquer outra coisa? A questão de quem pode ser o responsável importa mesmo? Quem quer que as opções particulares possam incluir, o espectro de quem tem autoridade ou responsabilidade para decidir parece operativo nas respectivas análises desses artigos.

Um segundo espectro vai de noções de conjuntos fechados a abertos dentro dos quais residem as sensibilidades do que é “verdadeiro”, “válido”, “certo” e “bíblico”. Dito de forma diferente por meio de apenas dois exemplos, há um número limitado ou expansivo de abordagens válidas para treinamento de liderança e quem se qualifica como “missionário”? Uma abordagem de conjunto mais fechado veria opções mais limitadas para ambos os exemplos, enquanto uma noção de conjunto aberto aceitaria uma gama mais ampla de possibilidades.

Ainda um terceiro espectro em ação envolve colocar ênfase nos ensinamentos ou traduções da comunicação de Deus para as pessoas como sendo “fiéis”, “apropriadas” ou “relevantes”. Todas as três ênfases ou valores são de fato necessários na comunicação bíblica e no ministério do evangelho (Shaw e Van Engen 2003). Mesmo assim, diferentes pensadores de missões tendem a se inclinar para um extremo do espectro (fidelidade) ou para o outro (relevância). Eu sugiro que cada um dos dois artigos – enquanto valoriza todas as três ênfases de “fidelidade”, “adequação” e “relevância” do ministério do evangelho – coloque ênfase distinta na direção de seções específicas em um espectro fiel-apropriado-relevante.

Mais uma vez, vejo todos os três espectros apenas esboçados – responsabilidade por determinar o que é “válido” ou “bíblico”, opções de fechado a aberto (limitado a ilimitado) e ministério fiel-apropriado-relevante – operando simultaneamente nos artigos de Rhodes e Arlund-Warrick. Analisando onde, em cada espectro, cada artigo poderia colocar ênfase particular poderia ajudar a entender mais claramente os pontos de engajamento genuíno dos artigos ou a falta deles.

No final, as esperanças dos autores e da equipe editorial do GME são que esses dois artigos cuidadosamente elaborados relacionados à discussão de movimentos e metodologias de movimentos contribuam para interações contínuas e

construtivas dentro da comunidade missionária mais ampla. O feedback do leitor será obviamente bem-vindo.

A comovente homenagem pessoal de J. N. Manokaran ao Dr. K. Rajendran, que foi recentemente reunido a outros santos que vieram antes de nós e gemem com antecipação pela ressurreição final, atesta a profunda afiação de Rajendran na vida do próprio Manokaran e de muitos outros. A peça de Manokaran se junta a outras homenagens a um servo do evangelho dedicado e amplamente eficaz (WEA 2022), incentivando assim todos nós a aprender muito com a vida de Rajendran que foi bem vivida. Usando o exemplo das relações entre cristãos e muçulmanos em Chicago, Mike Urton encoraja os cristãos de todos os lugares a enfrentar quaisquer medos que possamos ter em relação aos conhecidos muçulmanos, movendo-nos para realmente nos envolvermos com eles como seres humanos companheiros que, como todas as pessoas, precisam do evangelho de Jesus Cristo.

Contribuições de Jim Harries e Christopher Sadowitz discutem aspectos da “Missão Vulnerável”, um tema abordado várias vezes antes no GME. Harries desafia os missionários cristãos alinhados com o poder econômico – especificamente os ocidentais que trabalham na África – a tentar separar seus ministérios (e seus conhecidos africanos) de tais associações, operando dentro de línguas e recursos indígenas. Sadowitz baseia-se em seus anos de serviço no Japão para fazer comparações entre como os cristãos coríntios do Novo Testamento e as organizações missionárias e missionários cristãos de hoje (incluindo ele próprio) exibem inconscientemente um alinhamento com os valores sociais em detrimento dos distintivos cristãos de humildade e serviço.

Os desafios desta edição relativos à história da missão vêm de Steven Estes e de Derek Seipp e Jeff Kwon. Estes, agora um missionário protestante americano aposentado de longa data na

Argentina, passa adiante os desafios que recebeu ao estudar a história dos jesuítas – uma longa e colorida tradição que Estes antes alegremente ignorava. Estes espera que seu artigo ofereça uma exortação que “estimule o respeito pelas sociedades missionárias e atraia recrutas corajosos para o serviço missionário”. Seipp e Kwon traçam o desenvolvimento e a implementação da muito discutida estratégia de Nevius-Ross na história protestante coreana, coincidentemente apontando para uma abordagem para reconciliar as atuais chamadas metodologias tradicionais e de movimento conforme discutido pelos artigos de Arlund-Farah e Rhodes.

As três resenhas de livros desta edição têm seus próprios efeitos de afiação. Os livros discutidos cobrem uma ampla gama de tópicos: reivindicações de provas científicas e caminhos para a crença religiosa, conversões cristãs de estudantes chineses na Coreia e implementação de princípios de gestão cristã em sociedades contemporâneas complexas. Os leitores devem achar tanto as resenhas quanto os livros examinados estimulantes, frescos e construtivos para equipar outros.

Quando “o ferro afia o ferro”, o desconforto e até a dor são inevitáveis. O crescimento cons-

trutivo também deveria ocorrer. Que esta edição forneça estímulo, desafio e encorajamento úteis para vocês, leitores, e aqueles a quem vocês servem.

Referências

Datema, Dave (2010). “The Other Side of Zeal” *Mission Frontiers* November-December. Disponível online em <http://www.missionfrontiers.org/issue/article/the-other-side-of-zeal> (acessado em 20 de julho de 2022).

Lambert, John (2015). “Winter on Amateurism in Frontier Mission” *Frontier Ventures* website, 5 de junho, <https://www.frontierventures.org/blog/winter-on-amateurism-in-frontier-mission> (acessado em 20 de julho de 2022).

WEA (2022). “WEA Pays Tribute to Dr K Rajendran, ‘Alongsider’ and Visionary Leader Who Dedicated His Life to Serving the Global Mission” *World Evangelical Alliance* website, <https://worldea.org/news/18991/wea-pays-tribute-to-dr-k-rajendran-alongsider-and-visionary-leader-who-dedicated-his-life-to-serving-the-global-mission/> (acessado em 20 de julho de 2022).

Tradução: Eduardo Wu Jyh Herng

